

CULTURA E ESPAÇO: DAS PRÁTICAS FESTIVAS DE FOLGUEDOS A UM LUGAR GEOGRÁFICO

I. R. D. MORAIS*, W. C. LOPES e E. M. DANTAS
Universidade Federal do Rio Grande de Norte
ionerdm@yahoo.com.br*

Artigo submetido em outubro/2015 e aceito em outubro/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.3468

RESUMO

A relação entre cultura e espaço é discutida nesse artigo a partir das práticas festivas, mais especificamente, dos folguedos. Trafegando pelas trilhas das manifestações populares representadas pelos folguedos, reflete-se sobre a sua espacialidade como um viés que se enreda pelo espaço, favorecendo a identidade com o lugar. Nessa perspectiva, analisou-se os folguedos da Vila de Ponta Negra, na Cidade de Natal, enquanto manifestação da cultura que assume expressão socioespacial. A metodologia baseou-se em pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos de cultura, festas populares, folguedos, espaço, lugar e identidade; pesquisa historiográfica sobre

as origens e as características dos folguedos da vila; e, pesquisa de campo, por meio de entrevistas junto aos brincantes e mestres dos folguedos, e observação *in loco* de eventos nos quais os grupos se apresentaram. As análises empreendidas denotam que os folguedos da vila se instituem como fios da trama que articula cultura e espaço, reveladora do sentimento de pertença ao lugar. São práticas culturais que se inserem no processo de produção da cidade, no qual sujeitos anônimos são transformados em protagonistas, em um cenário onde o espetáculo vivifica a tradição, a identidade e o sentimento de pertença.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Espaço, Folguedo, Lugar.

POWER RELATIONS BETWEEN *THE SETTLED AND THE OUTSIDERS*

The relationship between culture and space is discussed in this article from the festive practices, more specifically, folguedos. Traveling along the paths of popular manifestations represented by the folguedos, the article reflects on their spatiality as a bias that is entangled in space, favoring the identity with the place. From this perspective, the research analyzed the folguedos of Vila de Ponta Negra, in the city of Natal, as a manifestation of culture that takes social-spatial expression. The methodology was based on bibliographic research about the concepts of culture, popular festivities, folguedos, space, place and identity; historical research on

folguedos of Vila origins and characteristics; field research through interviews with players and masters of folguedos, and in loco observation of events in which the groups presented. The analysis denote that folguedos of Vila are instituted as plot threads that articulate culture and space, revealing the sense of belonging to the place. They are cultural practices that fall within the city's production process, in which anonymous subjects are transformed into protagonists in a scenario where the show revives the tradition, the identity and the sense of belonging.

KEYWORDS: Culture, Space, Folguedo, Place.

1 INTRODUÇÃO

Cultura tem se instituído como uma temática apreendida a partir de diferentes abordagens. Neste estudo, privilegiou-se um itinerário de análise acerca da relação entre cultura e espaço, tráfegando pelas trilhas das manifestações festivas representadas pelos folguedos. O percurso da investigação conduziu a Cidade do Natal (RN), mais especificamente a Vila de Ponta Negra, cuja formação está vinculada à comunidade de pescadores que deu origem ao bairro homônimo.

No contexto atual, marcado pela globalização, Natal, capital do Rio Grande do Norte tornou-se um dos expoentes turísticos do Nordeste e, nessa cidade, o bairro de Ponta Negra é um dos principais destinos. Manifestando a lógica do mercado imobiliário e da apropriação do espaço pelo turismo, os grandes empreendimentos imobiliários e a implementação de equipamentos turísticos transformaram o bairro de Ponta Negra em um dos espaços mais valorizados da cidade. Enquanto território turístico, a paisagem da praia de Ponta Negra, com destaque para o Morro do Careca, se projeta como um dos principais atrativos.

No entanto, os atributos turísticos do bairro de Ponta Negra não se resumem a praia. A antiga vila de pescadores, como um dos recortes espaciais desse bairro, é guardiã de manifestações culturais que ultrapassam a barreira do tempo e resistem aos avanços da globalização e da “cultura de massa”. Os folguedos são um exemplo dessa resistência.

Mediante o exposto, o percurso da investigação objetivou analisar a relação entre cultura e espaço a partir dos folguedos existentes na Vila de Ponta Negra. Para tecer essa abordagem, recorreu-se a pesquisa bibliográfica para fins de embasamento teórico acerca dos conceitos de cultura, festas populares, folguedos, espaço, lugar e identidade; pesquisa historiográfica contemplando as origens e as características dos folguedos da vila; e, pesquisa de campo, por meio de entrevistas junto aos brincantes e mestres dos folguedos, e observação *in loco* de várias festas e eventos nos quais os grupos se apresentaram, sendo este um procedimento fundamental para a elaboração do diário de campo e para os registros fotográficos que permitiram uma visão mais abrangente dessas manifestações da cultura popular.

Portanto, refletimos sobre os folguedos da Vila de Ponta a partir de suas formas de manifestação, dos desafios à sua continuidade, das influências no cotidiano da comunidade e do sentimento de identidade e pertença que suscita entre os brincantes.

2 CULTURA, ESPAÇO E LUGAR: ABORDAGEM TEÓRICA

A cultura corresponde a uma das dimensões da sociedade, estando vinculada ao "conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social" (BOSI, 1992, p. 319). De acordo com Geertz (1989), é constituída pela transmissão de valores sociais e pelas formas simbólicas que permitem a comunicação entre sujeitos e a comunhão de significados, conhecimentos, atividades, atitudes e práticas que constituem a vida social. Assim, a cultura pode ser entendida como

[...] organizada e organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. [...] a cultura institui regras/normas que organizam a sociedade e

dirigem os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim a cultura não é nem 'superestrutura' nem 'infraestrutura', sendo estes termos impróprios numa organização recursiva onde o que é produzido e gerado se torna produtor e gerador daquilo que o produz e gera" (MORIN, 1991, p. 17).

Nessa perspectiva, é possível inferir que a sociedade, simultaneamente, produz a cultura e é por ela produzida, por meio de um processo em que as práticas culturais são reveladoras das características de quem as produziu.

Nesse sentido, as manifestações culturais assumem diferentes formas de expressão, dentre as quais se destacam as festas populares que, de modo geral, incluem tradições e/ou rituais religiosos. Conforme Furlanetto e Kozel (2013, p. 2), as festas populares

têm os sons, os cheiros, os sabores, as texturas e as formas da vida, numa geografia em que razão e emoção revelam a qualidade sinfônica dessa concentração de humanidade, uma paisagem tecida pelas histórias de vida, mescladas de alegria, fé, medo, esperança, tons e sons que se inscrevem sobre a Terra.

Considerando a premissa de que as manifestações festivas podem assumir diferentes conteúdos e formas de expressão, nesse estudo acerca da relação entre cultura e espaço, a análise recai sobre os folguedos, definidos por Cascudo (2001, p. 241), como uma

manifestação folclórica que reúne as seguintes características: 1) Letra (quadras, sextilhas, oitavas ou outro tipo de verso); 2) Música (melodia e instrumentos musicais que sustentam o ritmo); 3) Coreografia (movimentação dos participantes em fila, fila dupla, roda, roda concêntrica ou outras formações); 4) Temática (enredo da representação teatral).

Os folguedos são festas de caráter popular em que discurso e representação estão associados na dança, na musicalidade e na teatralidade. Ressaltando a representação como a principal característica dos folguedos, Vieira (2010, p. 13) assim se expressa:

Nos folguedos o indivíduo assume, provisoriamente, um ou vários papéis na apresentação. Dramático, não só no sentido de ser uma representação teatral, mas também por apresentar um elemento especificamente espetacular, constituído pelo cortejo, por sua organização, danças e cantorias. Coletivo, por ser de aceitação integral e espontânea de uma determinada coletividade; e com estruturação, porque através da reunião de seus participantes, dos ensaios periódicos, adquire certa estratificação.

Não obstante o conteúdo cultural que o impregna, os folguedos assumem uma expressão espacial, que se revela por meio das relações entre sujeitos e seus lugares, objetos e ações, elementos constituintes da trama cultura/espaço. Nessa perspectiva, o espaço é compreendido como o lugar de experiências e vivências, um campo de forças e interações, em que se estabelecem mecanismos de identidade, pertencimento, estranhamento e resistência. É no espaço, pelo espaço que transitam as manifestações sincrônicas e diacrônicas da sociedade em seu lento e, ao mesmo

tempo, acelerado processo de transformação da natureza em espaço cultural, no qual avulta a dimensão simbólica. Para Tuan (1983, p. 06),

o espaço é mais abstrato que o lugar, o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor e significado [...] A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

A concepção de lugar no âmbito das discussões geográficas ultrapassa a simples visão de localização e de individualidade do espaço, enveredando pelas trilhas da percepção, dos significados, das características e heranças culturais dos indivíduos. Para Claval (2007, p. 55), “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”. Desse modo, o lugar ao se revelar na tessitura da relação entre cultura e espaço, pressupõe considerá-lo

não só como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato- imediato, real e simbólico). [...] O lugar se estrutura na relação do ‘eu’ com o ‘outro’, o palco da nossa história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos. O corpo situa-se na transição do eu para o mundo, o ponto de vista do ser-no-mundo, sendo a condição necessária da existência humana. (MOREIR; HESPANHOL, 2007, p. 49-51).

O lugar, ao comportar materialidades e subjetividades, promove um diálogo entre o passado, o presente e o futuro; invoca sons, cheiros, formas e imagens; aciona dispositivos da identidade e da memória.

A concepção de lugar como corporeidade complexa está associado a visão do espaço como abrigo e condição para a existência das trocas materiais e simbólicas. Estas se estabelecem motivadas por desejos e ações, produzem diferentes experiências que vinculam os homens aos lugares.

Nesse contexto, a dimensão do cotidiano se torna relevante. Para Santos (1996), o cotidiano nos coloca em contato com a materialidade e a imaterialidade do espaço. Nesse sentido,

O cotidiano são os dois, ele não é dado apenas pela materialidade que nos *cerca*. A imaterialidade também é um constrangimento às vezes mais forte de que a materialidade: essa ideia de tecnosfera e de psicofera que andamos tentando difundir, de um lado esta esfera técnica que envolve o homem no fim do século, e, de outro, a esfera das paixões, das crenças, dos desejos, tão objetiva em nossa vida quanto objetiva é a esfera da materialidade. [...] Mas, sobretudo, o cotidiano tem como dimensão essencial no mundo de hoje a dimensão espacial. A dimensão espacial é a dimensão talvez central do cotidiano do mundo de hoje. (SANTOS, 1996, p. 10-11)

Ao considerar a pertinência dessa reflexão, os lugares se revestem de tramas cotidianas que traçam itinerários para o entendimento das práticas espaciais como um jogo que se revela e se esconde na dinâmica das manifestações culturais.

Cotidiano, práticas espaciais e manifestações culturais se expressam diversamente nos lugares. Para Merrifield (1993 apud FERREIRA, 2000, p. 78)

o lugar é o terreno onde são vividas as práticas sociais, é onde se situa a vida cotidiana, é o espaço praticado. A especificidade do lugar age, deste modo, ativamente sobre o espaço social geral capitalista. No lugar estão presentes processos conflituosos e heterogêneos que, frequentemente, operam em escalas mais amplas. O lugar seria uma parada nos fluxos de capital, dinheiro, bens e informações representados pelo espaço hegemônico. O lugar é mais do que a vida diária vivida. Ele é o 'momento' quando o concebido, o percebido e o vivido atingem uma certa 'coerência estruturada'.

Desta feita, o lugar é um ponto de convergência para situar a construção geográfica de uma dada sociedade, a partir do conteúdo vivido. Em suas formas aparecem espessuras, profundidades e extensões que distinguem e assemelham ações e objetos, permitindo compreender a espacialidade como uma combinação de tempos, contextos e identidades. De acordo com Martins e Melo (2013, p. 194),

[a] identidade pode significar a maneira pela qual o grupo se expressa e se identifica no espaço e esse espaço, por sua vez, externaliza essa identificação imprimida nele. Sejam nos elementos culturais materiais, no sentido das formas, seja imaterial, no sentido dos valores e significados. Seja na fala, na dança, nos cânticos do grupo, seja na (re) construção e conto de sua história, de forma que o caracterize como representação de vida, de cotidiano, com a função de identificar o grupo e seu espaço e o espaço identificá-lo, gerando assim uma dialética entre espaço e identidade na práxis da prática social.

A identidade com o espaço, que o transforma em lugar, é construída ao longo do tempo, sendo matizada pelas experiências que compõem o enredo da história de vida dos sujeitos, conferindo significado ao vocábulo pertencer. Para Furlanetto e Kozel (2013, p. 8), “o sentimento de pertencimento que liga uma pessoa a um lugar resulta de uma história, um vínculo construído a partir das relações que se estabelecem com o agrupamento humano e com o espaço ocupado por esse grupo”.

O sentimento de pertença ao lugar, base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas, está relacionado às relações de parentesco e vizinhança, ao trabalho acessório, às formas de solidariedade e às atividades lúdico-religiosas. É nesse cenário que se encontram os folguedos da Vila de Ponta Negra.

2 LUGAR E IDENTIDADE, A ESPACIALIDADE DO FOLGUEDO

Em Natal, no Rio Grande do Norte, os folguedos da Vila de Ponta Negra se apresentam como uma manifestação cultural festiva a partir da qual “simbolismo e materialidade cimentam a construção identitária” (MORAIS, 2005, p. 51), de modo que os valores e os signos são vistos como a dimensão do simbólico e o espaço enquanto a dimensão do real.

A transmissão de conhecimentos e a revivescência de memórias que se traduzem no ritual de ensaios, na caracterização dos brincantes e na encenação das brincadeiras correspondem a saberes e vivências compartilhados por um grupo de moradores dessa vila, delineando a relação

entre cultura, espacialidade e identidade. No caso em análise, ratifica-se a premissa de Martins e Melo (2013) acerca da identidade, visto que, por meio dos folguedos, identifica-se o grupo e seu espaço, ao mesmo tempo em que o espaço identifica o grupo. Nesse constructo, a espacialidade possibilita a efervescência do lugar, impregnada pelo sentimento de identidade e pertença.

A Vila de Ponta Negra, enquanto lugar dos brincantes, mais que cenário do espetáculo, é um elemento constituinte dessas manifestações culturais que delineiam relações entre sujeitos, espaço e vivências. Vieira (2010, p. 20) afirma que

as experiências propriamente estéticas dos folguedos permitem aos sujeitos a atribuição de um significado totalizante, em suas dimensões de prazer e bem-estar num tempo e espaço próprios. A Vila de Ponta Negra respira cultura, bebe cultura, come cultura. É impossível não perceber a forte presença dos folguedos nas manifestações populares da comunidade.

Sob a ótica do brincante, o espaço usado para o folguedo, embora sobreponha-se ao espaço do cotidiano, se destaca pela função que exerce no momento da festa, pela sua condição comunicante, pelo campo relacional que estabelece. Maia (1999, p 204) enfatiza que

[...] as festas fornecem nova função às formas espaciais [...] ruas, praças, terrenos baldios transformam-se em palcos para o evento. O espaço das festas populares possui uma composição bastante complexa. Nele subsistem relações econômicas, político-ideológicas, simbólicas e afetivas extremamente ricas.

Em Natal, os folguedos realizam apresentações na vila de Ponta Negra, na praça em frente à Igreja de São João Batista (Figura 1), sendo o público, basicamente, formado pelos próprios moradores, e em ambientes externos, sobretudo em eventos culturais públicos ou privados, inclusive em outras cidades potiguares e outros estados do país. Apesar de alguns folguedos serem ligados a eventos pontuais, como a época do Natal, há algum tempo passaram a ser brincados em qualquer período do ano, dependendo das oportunidades que surgem.



Figura 1 – Igreja de São João Batista na Vila de Ponta Negra
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).

Dentre os folguedos que se encontram em atividade na Vila de Ponta Negra destacam-se o Babelô, o Boi de Reis, o Coco de Roda, o Congo de Calçolas, a Lapinha e o Pastoril, que têm se evidenciado como expressão de um lugar geográfico

O Babelô é uma dança de roda do tipo batuque ou samba, dançado ao som de instrumentos de percussão. Na Vila de Ponta Negra existem dois grupos em atividade: O “Maçariquinhos da praia” e o “Cajueiro Abalou”. O primeiro é composto por quinze brincantes, nove mulheres e seis homens. As mulheres se vestem com vestidos estampados rodados e os homens com camisa que vem com a mesma estampa dos vestidos das mulheres e calça branca. Dentre os homens, quatro são encarregados de tocar os instrumentos de percussão, um é responsável pelo ganzá, enquanto o último deles, personificado pelo Mestre Tião Matias (Figura 2) faz a função de convidar as brincantes para o centro da roda.

O Babelô “Cajueiro Abalou” tem como mestre o Sr. Pedro Lima (também mestre do Boi de Reis) e é composto por doze pessoas, quatro homens responsáveis por tocar os instrumentos e oito mulheres que dançam. O canto que acompanha os números de dança no Babelô é ao estilo do coco ou embolada, em sua forma poética. O ritmo, porém, é mais assemelhado ao do samba. Os versos se compõem de um refrão fixo que o coro de dançarinos responde, enquanto o solista improvisa ou repete velhas quadras do cancionário popular brasileiro.



Figura 2 – Mestre Tião Matias do Babelô “Maçariquinhos da praia”
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).

O Boi Calemba, termo utilizado por Cascudo (2001) para diferenciar o Boi de Reis do Rio Grande do Norte de outros grupos dos estados brasileiros, é uma manifestação que se caracteriza pela presença das Damas e Galantes no elenco de figurantes e o aproveitamento de velhos romances da pecuária nordestina, no repertório de cantigas do ritual do boi, que é o núcleo central do folguedo ou o que resta desse núcleo nos dias atuais (GURGEL, 1985, p. 31). Ainda segundo este autor (1985) se trata de um auto popular que narra a morte e ressurreição de um boi. Ao som da rabeça, o grupo canta cantigas antigas com figurino de fitas coloridas e espelhos que proporcionam um interessante efeito visual. Os mascarados representam a parte cômica da dança. O trio formado por Birico, Mateus e Catirina (personagens do auto) apresenta-se usando roupas surradas e rostos pintados. Outras figuras integram a apresentação como a Burrinha, o Bode, o Gigante (cavalo marinho), o Jaraguá e o Boi. O Boi Pintadinho da Vila de Ponta Negra (Figura 3) é um dos grupos mais tradicionais de Natal.



Figura 3 – O Boi Pintadinho da Vila de Ponta Negra
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).

O Coco de roda é uma dança acompanhada de cantoria e executada em pares, fileiras ou círculos. Recebe nomenclaturas diferentes como *coco-de-roda*, *coco-de-embolada*, *coco-de-praia*, *coco-do-sertão*, *coco-de-umbigada*. O som característico do coco vem de quatro instrumentos que são o ganzá, o surdo, o pandeiro e o triângulo. Além disso, a sonoridade é completada com as palmas. Dança tradicional do Nordeste, o Coco de Roda (Figura 4) tem sua origem na união da cultura negra com os povos indígenas no Brasil. Apesar de frequente no litoral, acredita-se que o Coco surgiu no interior, provavelmente no Quilombo dos Palmares (LIMA, 2009) e, a partir do ritmo originado da quebra dos cocos pelos escravos para a retirada da amêndoa, com sua dança e tradição musical cantada, tornou-se um modo privilegiado de transmissão e manutenção do conhecimento e da tradição popular.



Figura 4 – Mestre Severino e o Coco de Roda da Vila de Ponta Negra
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).

O Congo de Calçolas consiste num bailado em que, dançando e cantando ao som de palmas, pandeiros e estalos de um chicote empunhado pelo dirigente do grupo, seus figurantes representam a coroação de um rei. As raízes do Congo são africanas; São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, são os padroeiros dos Congos. O Congo de Calçolas (Figura 5) conta com dez vassalos, um rei, uma rainha, um príncipe, o embaixador, o general, o secretário e o músico. O folguedo conta a estória da ascensão e queda de um rei negro. O rei do Congo recebe representantes do reino vizinho da rainha Ginga e guerreiam por disputa de terras. As cores são azul (cores do príncipe), vermelho (cores da rainha) e branco.



**Figura 5 – Congo de Calçolas da Vila de Ponta Negra
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).**

A Lapinha é um folguedo cujo repertório é inspirado em motivos religiosos. Nela há a figura de um pastorzinho chamado Adamastor, de um anjo e de pastoras, que se vestem sempre de branco (Figura 6). Esses personagens encenam a história do nascimento de Jesus Cristo, cantando e dançando na noite de Natal, diante do presépio.



**Figura 6 – Lapinha do Menino Deus da Vila de Ponta Negra
Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).**

O Pastoril é um folguedo popular dramático de origem europeia, normalmente brincado entre o Natal e a Festa de Reis (GURGEL, 1981). Este é composto por dezesseis integrantes, sendo quinze mulheres e um homem, além do acompanhamento da banda e outros elementos cênicos, tais como a borboleta. É dividido em dois cordões, um azul e um encarnado. Cada componente tem seu nome e função – mestra, contramestra, Diana, palhaço, dentre outros. Os dois cordões cantam jornadas de saudação ao público, louvação a Jesus e exaltação ao próprio pastoril. À frente dos cordões estão a mestra (encarnado) e a contramestra (cordão azul). Entre os dois cordões dança a Diana, que usa uma vestimenta metade azul, metade vermelha e não tem “partido”. O palhaço (também chamado de V8) é o mediador das rivalidades entre os cordões, sendo usual que ele peça recompensas ao público, geralmente masculino, que paga para ouvir as discussões em forma de canções cantadas pelas pastoras. O pastoril da Estrela da Manhã (Figura 7) tem como mestra a Senhora Maria Helena Correa dos Prazeres, que, em entrevista, revelou que o costume de se brincar de pastoril teve início por volta dos anos de 1940, quando a vila ainda era só uma pequena comunidade.



Figura 7 – Pastoril Estrela da Manhã da Vila de Ponta Negra

Fonte: Wagner Carneiro Lopes (2013).

Na Vila de Ponta Negra, os folguedos, especialmente a Lapinha e o Congo de Calçolas dão mais sentido ao dia-a-dia das crianças e dos idosos. Em relação às crianças, atua em duas vertentes igualmente importantes: de um lado as retiram das ruas e, de outro, despertam nelas o gosto pela cultura, arte e tradição. No que se refere aos idosos, torna-se uma estratégia eficiente para mantê-los ativos e integrados à comunidade.

Em termos econômicos, são bastante limitadas as repercussões dos folguedos para os moradores da vila. O comércio local não se beneficia das apresentações, por serem muito esporádicas e, a despeito do seu potencial, os folguedos não se traduzem em um atrativo turístico de Ponta Negra.

Na atualidade, manter vivos os folguedos da Vila de Ponta Negra é um desafio cada vez maior, devido a complexa situação derivada de um quadro de adversidades, dentre as quais se destacam as vivências da sociedade em rede, com fortes apelos tecnológicos, e a escassez de recursos. Se antigamente a única diversão era brincar na frente da igreja da vila, hoje existem variadas opções, de modo que os folguedos, apesar da alegria, da musicalidade, das cores e do brilho das fantasias, vêm perdendo o seu poder de atratividade.

Nesse contexto, apesar da Vila de Ponta Negra possuir a maior diversidade de folguedos da Cidade de Natal, as iniciativas no intuito de mantê-los ativos são reduzidas. Dentre elas, destacam-se a parceria entre a Escola Municipal São José e o Congo de Calçolas, que transmite o conhecimento do Congo para as crianças; a gravação de CDs com as músicas cantadas pelos folguedos, uma iniciativa do Projeto de Extensão Encantos da Vila, da UFRN; o desenvolvimento do projeto “Vozes da Vila”, da Universitária FM e os auxílios jurídicos da Casa Renascer. Além disso, o Centro de Cultura da Vila de Ponta Negra desenvolve ações que visam à integração da comunidade à cultura local e, a partir do projeto “Bombando Cidadania – Vila Criativa”, desenvolvido junto com o SEBRAE, foi realizado o mapeamento das manifestações culturais da vila.

Não obstante, a partir da relação entre cultura e espaço, os folguedos da Vila de Ponta Negra são capazes de trazer a luz espacialidades, objetos e ações, sujeitos e lugares que denotam manifestações identitárias que se revelam pelo sentimento de pertencimento ao lugar. Ilustrativo dessa manifestação é o comportamento dos mestres dos folguedos, que mesmo quando passam a residir em outros bairros ou cidades, mantêm laços com a comunidade da vila.

Na Vila de Ponta Negra, o ritual que envolve desde o ensaio até a apresentação do folguedo, transforma sujeitos anônimos em protagonistas, em um cenário onde sons, vestimentas e

coreografias convergem para um espetáculo, que vivifica a teia de relações que se estabelecem entre cultura, espaço e identidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises empreendidas acerca da relação entre cultura e espaço por meio dos folguedos expressos na vila de Ponta Negra, em Natal-RN, permitem inferir que estes se situam no âmbito das manifestações festivas, cujas vivências são resultado da combinação de tempos, contextos e identidades.

Os folguedos da vila de Ponta Negra abrangem saberes, ofícios, formas de expressão e lugares de sociabilidade, que fazem a vila ser guardiã de um patrimônio cultural imaterial. Os brincantes, além do espetáculo, produzem também representações, discursos e práticas que demarcam as ações dos grupos de folguedo, conferindo-lhes identidade. São práticas sociais nas quais sujeitos anônimos são transformados em protagonistas, em um cenário onde a representação é um espetáculo que vivifica a cultura do/no espaço.

Portanto, são os fios silenciosos da cultura, por meio dos folguedos, que tecem a trama da construção identitária expressando um lugar geográfico, que mesmo diante das inovações do mundo globalizado, se mantêm e vivifica a vila e Ponta Negra como uma construção social. Embora os folguedos façam parte do cotidiano da vila, a manutenção dessas manifestações culturais encontra-se imersa em desafios e ameaças e o futuro delinea-se incerto.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
2. CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
3. CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.
4. FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, ano 5, n. 9. Rio de Janeiro: jul/dez 2000, p. 65-83. Disponível em: <www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.
5. FURLANETTO, B. H.; KOZEL, S. Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral do Paraná. In: 14 EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina. 2013, Lima. **Anais eletrônicos...** Lima. 2013. Disponível em: <www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Beatriz-Salete.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2013.
6. GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
7. GURGEL, D. **Danças folclóricas do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN. 1981.
8. _____. **Manual do boi calemba**. Natal: Nossa Editora, 1985.
9. MAIA, C. E. S. Ensaio Interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 191 - 218
10. MARTINS, J. da S.; MELO, E. M. Araruna: identidade construída e significados revelados no espaço vivido. **Holos**, ano 29, vol. 6. NATAL: 2013. Disponível em:

<<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/download/1231/767>>. Acesso em 23 mar. 2014.

11. MORAIS, I. R. D. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó/RN: Ed. do autor, 2005.
12. MORIN, E. **O método IV**: as ideias, a sua natureza, vida, habitat e organização. Portugal: Publicação Europa América, 1991.
13. MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. O lugar como uma construção social. **Formação**: revista eletrônica do programa de pós-graduação em Geografia. n. 14, vol. 2 – UNESP, 2007. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf>. Acesso em 23 nov. 2013.
14. SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 21, agosto 1996. p. 7-14. Porto Alegre: 1996. Disponível em: <http://ser.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>. Acesso em: 15 set. 2015.
15. TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL. 1983.
16. VIEIRA, M. de S. **Pastoril**: uma educação celebrada no corpo e no riso. 2010. 183 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de pós-graduação em educação. Linha de pesquisa: Estratégia de pensamento e produção de conhecimento. UFRN. Natal. 2010.